



KnoWhy #705

janeiro 3, 2024



Por que mulheres sem filhos são proeminentes na história do Natal?

“E não tinham filhos, porquanto Isabel era estéril, e ambos [Isabel e Zacarias] eram avançados em idade.”

Lucas 1:7

O conhecimento

Assim como o evangelho de Lucas começa com o relato da aparição do anjo Gabriel ao sacerdote do templo Zacarias, assegurando-lhe que sua esposa lhe daria um filho (Lucas 1:13, 19), muitas histórias de mulheres proeminentes do Velho Testamento — incluindo as três grandes matriarcas Sara, Rebeca e Raquel — começam com um problema semelhante.

Embora cada uma fosse estéril (Gênesis 11:29–30; 18:11; 25:20–21; 29:28, 31; Juízes 13:2; 1 Samuel 1:1–2; 2 Reis 4:14), as promessas e convênios de Deus seriam mantidas por meios divinos e alegres. Essas histórias de infertilidade e crianças milagrosas não passaram despercebidas por Lucas, um médico, que começa seu relato do nascimento de Cristo com outro

casal infértil. Assim como Sara e Abraão, Isabel e Zacarias "eram avançados em idade". (Lucas 1:7).

Apesar da aparente impossibilidade, nenhuma dessas esposas e maridos fiéis perdeu a esperança de que Deus de alguma forma lhes daria um filho que seria um servo especial do Senhor. Em cada um desses casos, as promessas sagradas e o templo eram centrais para sua fé e esperança:

- Falando de Sara, Paulo disse: "Pela fé, também a própria Sara recebeu o poder de conceber, e deu à luz já fora da idade; porquanto teve por fiel aquele que lho tinha prometido." Hebreus 11:11.
- Joseph Smith explicou: "Como não tinha filhos, Zacarias sabia que a promessa de Deus deveria falhar, então ele entrou no Templo [sic] para lutar com Deus segundo a ordem do sacerdócio [sic] para obter a promessa de um filho".¹ Ana também "subia à casa do Senhor" para orar por um filho e jurou consagrá-lo ao Senhor se seu desejo fosse atendido (1 Samuel 1:7, 10-11).
- Um anjo aparece à mãe de Sansão para declarar que ela teria um filho e que teria que consagrá-lo ao Senhor. Ela e seu marido interagem novamente com o anjo, fazem uma oferta no altar do templo, pedem ao anjo visitante seu nome secreto e declaram que "vi[ram] a Deus" (Juízes 13:3-24).

Neste contexto de esperança no templo e nascimentos milagrosos, Lucas apresenta a virgem Maria. De acordo com um texto cristão primitivo pouco conhecido, o *Evangelho da infância* (ou *Protoevangelium*) de Tiago, Maria foi uma criança milagrosa, nascida de um casal velho e estéril, Joaquim e Ana. Este texto começa com Joaquim fazendo ofertas no templo, mas os administradores pediram que ele desistisse e fosse embora devido a sua esterilidade. Ele vai para o luto no deserto, reflete sobre a história de Abraão, que recebeu um filho em sua velhice, e jejua e ora para ter um filho. Ana também lamenta e ora para que Deus a abençoe como abençoou Sara. Um anjo aparece a Joaquim e Ana e lhes diz que terão um filho, e Ana jura que o filho será consagrado ao Senhor. Joaquim então vai ao templo para fazer ofertas, onde essa bênção é confirmada. Eles dão à luz Maria e, aos três anos, Maria, como Samuel, é consagrada ao templo e criada lá até que comece a menstruar e é então desposada pelo

Sumo Sacerdote para se casar com um obreiro do templo chamado José (ver o *Protoevangelho de Tiago* 1:1-9).

Enquanto o relato de Lucas continua, Maria logo é visitada por um anjo que lhe diz que ela dará à luz uma criança, apesar de ser virgem. Assim, ela deixa Nazaré para visitar sua prima idosa Isabel, que, sem o conhecimento de Maria, estava grávida de um filho que seria João Batista. Na presença da surpreendente estéril Isabel, Maria pronuncia seu poético Magnificat, um salmo de louvor que, como os estudiosos apontaram, ecoa muito da terminologia e fraseologia do alegre salmo de louvor proferido pela estéril Ana no Velho Testamento (Lucas 1:26-55).² Maria, sem dúvida, sentiu um vínculo com essas mulheres que milagrosamente se viram grávidas.

O apelo inicial de Ana no templo e seu subsequente salmo de alegria incluíram versículos repetidos no Magnificat de Maria: "Senhor dos Exércitos! Se benignamente atentares para a [a] *aflição da tua serva*, e [b] *de mim te lembrares, e da tua serva não te esqueceres* [...] [c] *O meu coração exulta ao Senhor* [...] O arco dos [d] *fortes foi quebrado*, e os que tropeçavam foram cingidos de força. [...] [e] *e os famintos cessaram*; até a estéril deu à luz sete filhos [...] [f] *Levanta o pobre do pó, e desde o esterco exalta o necessitado*, para o fazer assentar entre os príncipes, para os fazer herdar o trono de glória" (1 Samuel 1:11; 2: 1-8).

As palavras de Maria são um eco claro das de Ana: "[c] *A minha alma engrandece ao Senhor, E o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador*; Porque atentou para [a] *a humildade de sua serva*; pois eis que [b] *desde agora todas as gerações me chamarão bem-aventurada*; [ela não será esquecida]. [...] Derrubou [d] *dos tronos os poderosos, e elevou os humildes*. [f] *Encheu de bens os famintos*, e despediu de mãos vazias os ricos. Auxiliou Israel, seu servo, recordando-se da sua misericórdia; Como falou a nossos pais, a Abraão e à sua posteridade, para sempre" (Lucas 1:46-55).

O porquê

Nos templos e por meio dos convênios associados a eles, o povo do Senhor em todas as épocas recebeu certas promessas. Tais promessas foram dadas a Adão e

Eva quando Deus lhes deu domínio (autoridade real e sacerdotal) sobre a terra (terra) e ordenou que fossem frutíferos e se multiplicassem (semente) em Gênesis 1:26-28. Essas mesmas promessas foram feitas a Abraão e a muitos outros quando Deus lhes deu o sacerdócio, a terra, e prometeu-lhes uma posteridade tão numerosa quanto as estrelas (ver, por exemplo, Gênesis 12:1-3; Abraão 2:3-11; 1 Néfi 2:19-24). Essas mesmas promessas foram restauradas em nossos dias (ver D&C 132:19) e, em última análise, estão contidas nas ordenanças de selamento do templo. O grande plano do Pai envolve a vinda de Seus filhos a este mundo, incluindo os grandes e os pequenos, os nobres e até mesmo Seu Unigênito.

Para cumprir Seus propósitos, Deus pode dirigir e proteger o nascimento de filhos, tanto "*nesta vida* e por toda a eternidade" (D&C 132:19). O fato de que as promessas de Deus dizem respeito não apenas à eternidade, mas também à era mortal, também é ensinado no Livro de Mórmon: "as promessas que obtivemos são promessas *segundo a carne* [...] a fim de que sejam cumpridos os convênios que fiz com os filhos dos homens, *que cumprirei enquanto estiverem na carne*" (2 Néfi 10:2, 15).

A crença de que as promessas de Deus eram tanto para a "vida" quanto para a eternidade pode ter estimulado mulheres e homens estéreis a continuar esperando e agindo com base nessa fé, mesmo diante da velhice e das aparentes impossibilidades. Como Paulo disse que Sara teve fé para conceber, "por[que] teve por fiel aquele que lho tinha prometido" (Hebreus 11:11), e como Joseph Smith disse que "Zacarias [...] sabia que a promessa de Deus deveria falhar" se ele não tivesse um filho, assim o anjo informou Maria de Isabel, "[p]orque para Deus nada será impossível" (ver Lucas 1:36-37). As gestações milagrosas dessas mulheres foram sinais para todo o Israel e o mundo inteiro de que Deus pode cumprir Suas promessas no tempo e na eternidade.

Como se para ressaltar todo o poder e habilidade de Deus, a própria gravidez de Maria foi um milagre ainda maior do que as gravidezes de casais muito velhos. Seu Santo Filho vem ao mundo de tal maneira que é *um sinal* (ver Isaías 7:14) de que a libertação de todos os pecados, de todos os nossos estados caídos e humildes, foi concedida, e que todas as promessas de Deus nos templos serão, de fato, cumpridas no tempo, assim como proclama a primeira canção de Natal de Maria.

Por meio de seu convênio, Deus levanta os pobres e mendigos e os tornam reis e rainhas; ele protege seu povo de seus inimigos; e todos os estéreis, literal e figurativamente, darão frutos. E não só na eternidade, mas também neste mundo temporal e provisório.

Exatamente quando ou como ele cumprirá suas promessas a cada um de nós não é totalmente conhecido e é um assunto individual, mas certamente o Milênio terá algo a ver com isso. Essa era faz parte da "vida" mortal e é o tempo designado em que Cristo restaurará *todas as coisas*, para que Seus fiéis seguidores se tornem reis e rainhas nos reinos eternos de glória do Pai, curados com o poder da ressurreição e tragam a alegria de cada lágrima.

Como as escrituras acima atestam, Deus opera milagres entre aqueles que agem com fé, mesmo antes daquele dia eterno, e mesmo quando o cumprimento de Suas promessas parece impossível. No Natal, podemos ter certeza de que, se Deus Pai pode fazer uma virgem conceber, então ele é capaz de cumprir, tanto na vida quanto na eternidade, todas as promessas que fez a todos os que seguem seu Filho. Com essa garantia, também podemos cantar com Isaías e Jesus:

Canta, ó estéril, tu que não deste à luz;
rompe em canto e exclama, [...] Por um
pequeno momento te deixei, mas com
grande misericórdia te recolherei. Em
pequena ira te escondi a face por um
momento, mas com benignidade eterna
compadecer-me-ei de ti, diz o Senhor teu
Redentor. (Isaías 54:1–8; citado por Jesus
em 3 Néfi 22:1)

Leitura Complementar

S. Kent Brown, *Mary and Elisabeth: Noble Daughters of God* (American Fork, UT: Covenant Communications, 2002).

S. Kent Brown, *The Testimony of Luke em Brigham Young University New Testament Commentary* (Provo, UT: BYU Studies, 2015), pp. 81–121.

Margaret Barker, *Christmas: The Original Story* (Londres, SPCK, 2008), pp. 129–161.

Raymond E Brown, *The Birth of the Messiah: A*

Commentary on the Infancy Narratives in Matthew and Luke (New York: Doubleday, 1977), pp. 235–366.

© Central do Livro de Mórmon, 2024



Notas de rodapé

1. Discurso, 23 de julho de 1843, conforme relatado por James Burgess, p. 13, *The Joseph Smith Papers*, acessado em 4 de dezembro de 2023, <https://www.josephsmithpapers.org/paper-summary/discourse-23-july-1843-as-reported-by-james-burgess/2?>.

2. Ver, por exemplo, J. T. Forestell, "Old Testament Background of the Magnificat", *Marian Studies* 12 (1961): pp. 205-244. Alguns manuscritos do Novo Testamento indicam ser Isabel quem fala o Magnificat, provavelmente devido ao vocabulário ser mais aplicável a mulheres estéreis, não virgens. No entanto, isso não é necessário, como observou Raymond E. Brown em *The Birth of the Messiah: A Commentary on the Infancy Narratives in Matthew and Luke* (New York: Doubleday, 1977), p. 361.